

Jornal Última Hora Curitiba: Consensos, Contradições e Apagamentos¹

Pietra Dissenha Hara²
Nayara Tays de Almeida³
Alana Morzelli Siqueira⁴
Ana Clara Osinski⁵
Ana Lívia Barboza⁶
Milena Hable⁷
Thais de Castro Silva⁸
José Carlos Fernandes⁹
Universidade Federal Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O presente texto analisa o conteúdo das entrevistas em profundidade realizadas sobre o jornal *Última Hora* em Curitiba, diário que se manteve em atividade na cidade entre 1959 e 1964. As falas dos entrevistados revelam consensos e contradições sobre o periódico, além de mostrarem pagamentos da memória coletiva, como é o caso da jornalista Celina Luz. O objetivo do estudo é compreender a trajetória da sucursal curitibana do UH a partir de seus contemporâneos, utilizando da memória como artifício de resgate da história do jornalismo local.

PALAVRAS-CHAVE

Jornal Última Hora; Jornalismo e Ditadura Militar; Memória; História Oral; Imprensa Paranaense.

INTRODUÇÃO

Em seu terceiro ano de estudos, a pesquisa sobre o jornal *Última Hora* (UH) em Curitiba dá seguimento ao projeto “Jornalismo e Ditadura Militar no Paraná” – iniciado em 2012 no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). A investigação atual se concentra no período de 1959 a 1964, investigando a relevância do UH em Curitiba, seus aspectos editoriais e os motivos de seu fechamento, marcado por um episódio emblemático às vésperas do golpe militar de 1964.

Fundado em 1951 por Samuel Wainer, no Rio de Janeiro, o *Última Hora* se destacou nacionalmente por sua alta tiragem, inovação gráfica e cobertura diversificada

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT10SU - Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 24.º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email pietra.hara@ufpr.br

³ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email nayaraalmeida@ufpr.br

⁴ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email alanamorzelli@ufpr.br

⁵ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email anaosinski@ufpr.br

⁶ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email anabarboza@ufpr.br

⁷ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email milena.hable@ufpr.br

⁸ Estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná, email thaiscastro@ufpr.br

⁹ Doutor em Estudos Literários, professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, orientador do trabalho: email zeca@ufpr.br

(Campos, 1993). Alinhado ao governo Getúlio Vargas, consolidou-se como veículo popular e nacionalista (Wainer, 2005).

Em Curitiba, o *UH* chegou em 1959, conquistando boa tiragem, mesmo sendo considerado um periódico progressista em uma cidade tradicional e conservadora (Sá Júnior, 2022). A redação local foi encerrada em março de 1964, após o apedrejamento da sede por cerca de 200 estudantes de escolas particulares e católicas, num contexto de crescente tensão política às vésperas do golpe de Estado do mesmo ano.

A pesquisa tem como objetivo analisar a trajetória do periódico em Curitiba a partir da análise de entrevistas em profundidade com jornalistas e contemporâneos do jornal, usando a história oral para reconstruir sua história na cidade. Reunindo entrevistas em profundidade, história oral e análise documental, o estudo revela aspectos editoriais e políticos do jornal, mas também mostra ausências na memória, como o caso de Celina Luz, a única jornalista mulher do *UH* Curitiba, cuja atuação segue pouco reconhecida. O trabalho reforça a importância da memória como ferramenta de resgate de experiências e da história do jornalismo local.

PESQUISA E MEMÓRIA

A pesquisa sobre o *Última Hora* Curitiba destaca a importância da memória na construção de narrativas históricas e sociais, especialmente quando observada por meio dos relatos dos jornalistas e contemporâneos entrevistados. A memória, como processo seletivo e interpretativo, é essencial para entender como o jornal influenciou a percepção pública em um período de censura (Pollack, 1992; Schwarcz & Starling, 2015). Através das entrevistas em profundidade, nota-se como a memória coletiva do periódico foi construída e moldada por vivências, esquecimentos e interpretações individuais.

As escolhas editoriais, assim como os silêncios presentes nos testemunhos, indicam a maneira como o veículo mediava a realidade e contribuía para a formação de uma narrativa coletiva sobre aquele período (Halbwachs, 2006; Traquina, 2005). Assim, o jornal, por meio de suas escolhas editoriais, contribui para a formação da identidade coletiva, funcionando como um mediador entre o passado e o presente (Bosi, 2003; Schwarcz; Starling, 2015).

ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE

Ao longo do estudo, a principal metodologia adotada foi a entrevista em profundidade. Essa escolha se deu pela intenção de reconstituir, a partir das memórias de contemporâneos da sucursal curitibana, a maneira como o jornal era recebido pelo público.

Até o momento, foram realizadas oito entrevistas, com Adherbal Fortes de Sá Júnior, Luiz Geraldo Mazza, Walter Schmidt, Hélio Puglielli, Sylvio Back, Mieczslau Surek, Luiz Renato Ribas e Nelson Padrella — todos ex-colaboradores, contemporâneos ou pesquisadores ligados à sucursal. O grupo também conseguiu um relato escrito do também jornalista Célio Heitor Guimarães, atuante no *Última Hora* de Curitiba entre os anos de 1962 e 1964 (2023).

Com um formulário flexível de perguntas, realiza-se a entrevista, objetivando-se chegar a uma conclusão mais sólida às questões supracitadas. Embora a maioria dos entrevistados tenha presenciado os mesmos eventos no mesmo período, seus relatos revelam tanto pontos de consenso quanto divergências.

CONSENSOS

Durante as entrevistas realizadas na pesquisa, foi possível identificar diversos consensos nos discursos dos participantes, principalmente no que diz respeito ao conteúdo e identidade do *Última Hora*. Um dos aspectos mais destacados foi a inovação na diagramação, que incorporava o uso de cores e uma organização visual inédita para os padrões da época, tornando a leitura mais dinâmica e atrativa.

Essa característica diferencia o jornal dos demais concorrentes e demonstrava um compromisso com a modernização do jornalismo impresso. “Eles conseguiram recrutar os melhores profissionais da época e isso explica o sucesso de público que esse jornal teve”, afirmou o jornalista e professor universitário Hélio de Freitas Puglielli (2024). Célio Guimarães (2023), por sua vez, complementa a ideia ao ressaltar que o *UH* foi “uma grande escola de jornalismo do Paraná”.

Além disso, a editoria policial foi frequentemente mencionada como uma das seções mais marcantes do periódico. Como destacou o jornalista Luiz Renato Ribas (2024), “o forte da *Última Hora* era polícia. Era sangue.”. A coluna de esportes também foi elogiada por sua cobertura, mesmo em um espaço limitado: “Esporte amador na

época era sustento”, lembrou Ribas (2024). Esses elementos consolidaram a identidade do *Última Hora* como um jornal inovador, popular e influente.

CONTRADIÇÕES

Enquanto as entrevistas apresentam similaridades de discurso quanto a algumas temáticas que envolvem o *UH* curitibano, outros pontos seguem sem ter uma versão mais realista – sendo o episódio do apedrejamento da sucursal local um deles.

De acordo com os relatos, o episódio violento contra a redação do *Última Hora* em Curitiba, em março de 1964, é reconhecido como marco simbólico do fim da sucursal (Sá Júnior, 2022; Schmidt, 2023; Mazza, 2023; Puglielli, 2024). Entretanto, os relatos revelam diferentes percepções sobre sua gravidade e contexto.

Luiz Geraldo Mazza afirma que o ataque já era esperado, destacando que o jornal sofria ameaças constantes e que os manifestantes chegaram a arremessar fezes contra a sede (Mazza, 2023). Miecislau Surek, que diz ter estado presente, lembra ter sido ferido por uma pedra lançada através do vidro, e aponta a participação ativa de estudantes maristas (Surek, 2024). Já Adherbal Fortes de Sá Júnior minimiza o ocorrido ao mencionar apenas “duas, três pedras” (2022).

Essas contradições revelam que o apedrejamento, longe de ser um evento consensual, é um ponto de disputa na memória coletiva sobre o *Última Hora*, refletindo diferentes formas de lembrar, esquecer e interpretar os acontecimentos que antecederam o golpe de 1964.

APAGAMENTOS

Seguindo com a análise das entrevistas, percebe-se a falta de algumas peças do jornal *Última Hora*. Como exemplo de tal apagamento, cita-se a figura de Celina Luz, a única mulher a integrar a equipe do jornal em seus cinco anos de redação, trabalhando entre os anos de 1962 a 1964. Destacou-se no colunismo, nas colunas *UH Sociedade* e *Eles&Elas*, esta em conjunto com o jornalista Nelson Faria de Barros. Ainda que confinada a um espaço considerado “feminino” dentro da redação, sua produção foi intensa e diversa, com mais de 300 textos publicados em dois anos de *UH*.

A busca por informações de Celina segue em andamento, tendo como destaque o obituário publicado no Jornal do Brasil (1999), que confirma sua atuação posterior

como jornalista cultural e correspondente internacional. No entanto, as respostas dos entrevistados, quando questionados sobre Celina Luz, revelaram percepções centradas em atributos físicos — como ser "bonita" e "fina" (Puglielli, 2024; Back, 2024; Ribas, 2023) —, e não em sua trajetória profissional, o que reforça práticas de apagamento simbólico das mulheres no jornalismo.

Esse fenômeno reflete como a história da imprensa prioriza as contribuições dos homens (Abreu; Rocha, 2006). Koshiyama (2001) afirma que a ausência de uma perspectiva histórica feminina contribui para a invisibilização das jornalistas, mantendo o reflexo de uma estrutura patriarcal que . Nesse sentido, o fenômeno do apagamento ou sub-representação feminina na imprensa é um sintoma da estrutura patriarcal que marginaliza as mulheres (Leite, 2003).

A atuação de Celina Luz no *Última Hora* insere-se no contexto de que a atuação feminina na imprensa era marcada pela cobertura de editoriais “leves” e “domésticas” (Alves, 2020). Na contramão dessa lógica, Celina Luz destacou-se ao trazer à tona a atuação das mulheres na política, comprometendo-se com uma perspectiva feminina no jornalismo. Como observa Alves (2020), já se evidenciava, mesmo que em diferentes proporções, a gênese da imprensa feminina do século XX.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de; ROCHA, Dora (orgs.). **Elas ocuparam as redações:** depoimentos ao Cpdoc. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ALVES, Aline Kedma Araujo. **Decoração e gênero:** a construção histórica de um lugar feminino a partir dos periódicos do início do século XX no Brasil. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/31697>. Acesso em: 30 abr. 2025.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CAMPOS, Anderson. **A última hora de Samuel:** nos tempos de Wainer. Rio de Janeiro: ABI/Copim, 1993.

GUIMARÃES, Célio Heitor. **No tempo da Última Hora.** Curitiba, 27 out. 2023. Texto inédito fornecido em formato digital (PDF).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JORNAL DO BRASIL. Letras e Orquídeas. Obituário. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 20 jan. 1999. Caderno Cidade, p. 22.

JÚNIOR, Adherbal Fortes de Sá. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**. Curitiba, 2022.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Mulheres jornalistas na Imprensa Brasileira**. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Campo Grande – MS, 2001.

LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 234-241, jan./jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100014>. Acesso em: 30 abr. 2025.

MAZZA, Luiz Geraldo. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**. Curitiba, 2023.

POLLACK, Michel. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PUGLIELLI, Hélio. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**. Curitiba, 2024.

RIBAS, Luiz Renato. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**. Curitiba, 2024.

SÁ, Adherbal Fortes de. **Entrevista a Emilly Cristina Domingues, Érico Miranda dos Santos, Nayara Tays de Almeida e Pietra Dissenha Hara**. Curitiba: UFPR, 2023.

SCHMIDT, Walter. **Entrevista ao grupo de IC jornal Última Hora**, Curitiba, 2023.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 2005.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver: memórias de um repórter**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.